

O ESPAÇO MUSEOLÓGICO COMO ENUNCIÇÃO DE MEMÓRIAS: OLHARES A PARTIR DOS VISITANTES DO MUSEU GAMA D'EÇA

Fernando Souto Dias Neto¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca articular dois movimentos na trajetória do pesquisador: a inserção no movimento de práticas extensionistas e a integração de suas competências de pesquisa e produção intelectual. O objetivo é levar informação e educação à comunidade, ou seja, alinhando-se com uma das propostas do projeto de extensão desenvolvido pela instituição Museu Educativo Gama d'Eça.

A inserção do estudante no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Linha de Pesquisa Memória e Patrimônio, levou-o a utilizar do espaço museológico como uma casa de memória, capaz de enunciar vivências e identidades que geram sentimento de pertencimento aos visitantes. Mas como se pretendeu estabelecer isso? Quais os caminhos utilizados para obter dados e resultados?

Como parte de um estudo maior, em que se busca atentar às necessidades do processo de doutoramento, o trabalho compreendeu a aplicação de questionários, como técnica de captura da fala dos visitantes, a fim de obter dados, de forma aberta e fechada, que possibilitem a compreensão do processo de visitação de forma quantitativa e qualitativa.

Para tanto, o trabalho exigiu um aprofundamento no estudo do acervo, com um olhar atento da datação dos objetos museais à respectiva doação, frisando a quem os pertenciam e de que forma podem contar uma narrativa. Reconstruindo esses percursos e trajetórias, é possível mostrar diferentes modos de uso e apropriações do espaço e dos artefatos.

Dessa forma, alguns dos primeiros passos serão descritos posteriormente neste breve ensaio.

O ESTADO DA ARTE: ALGUMAS FORMAS DE ABORDAR A PESQUISA

Para estabelecer uma base que permitisse um avanço da pesquisa e, por sua vez, gerasse resultados preliminares, entende-se que as técnicas empregadas, como o estado da arte, podem

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maira, bolsista CAPES/DS.

ser elucidativas. Nesse percurso, realizou-se uma modesta análise de trabalhos finais de curso, em nível de pós-graduação *lato sensu stricto sensu*; entre a coleta, leitura e análise, obteve-se uma monografia de especialização e três dissertações de mestrado.

Chama a atenção o fato de que, com exceção da respectiva monografia, que está inserida na área de História e contempla a trajetória do pesquisador, as demais estão entre a área do Patrimônio Cultural e as Ciências Sociais. Portanto, entende-se o potencial de diversas áreas para contribuir com as questões que tratam de acervos, museus e espaços de memória.

Diante da leitura desses trabalhos, observou-se a ausência de estudos, em nível de doutoramento, sobre as casas de memórias. Para tanto, elencam-se o Museu Gama d'Eça & Victor Bersani. Assim, é possível vivenciar uma experiência que conjuga o acervo da Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV) e a coleção institucional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Conforme Norma Ferreira (2002), as pesquisas deste cunho, que compõem o estado da arte, movimentam a pesquisa da seguinte forma:

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema (Ferreira, 2002, p. 259).

Com efeito, apresenta-se um breve panorama de trabalhos produzidos em meados dos anos 2000, um período um tanto quanto recente, que abordam o patrimônio e como ele acaba se enunciando nos mais diferentes espaços. Vale destacar que tal materialidade traz questões ligadas à memória de determinados grupos sociais e até mesmo das populações dos territórios a que pertencem.

Quadro 1 – Levantamento de trabalhos feitos sobre o tema

AUTOR(A)	TÍTULO	ÁREA	FORMATO DE TRABALHO	ANO	INSTITUIÇÃO
Cristina Nascimento de Oliveira	O inventário do patrimônio histórico da cidade no	História	Monografia de Especialização	2006	UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

	jornal Diário de Santa Maria.				
Lucinéia Inês Weber	Museu Treze de Maio: espaço de memória e identidade negra em Santa Maria/RS	Ciências Sociais	Dissertação de Mestrado	2014	UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
Célia Terezinha Foletto	O museu do imigrante italiano “Eduardo Marcuzzo”: história e identidade, Vale Vêneto/RS	Patrimônio	Dissertação de Mestrado	2019	UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
Luiza Gutheil Bayer	Museu histórico Fernando Ferrari: estratégia de fortalecimento da identidade local 2018-2019.	Patrimônio	Dissertação de Mestrado	2020	UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

No trabalho de Cristina de Oliveira (2006), é realizado um inventário, através de um meio de comunicação periódico de grande circulação no município da cidade de Santa Maria (RS). O referido trabalho compila uma série de lugares de memória que se apresentam como patrimônios históricos e culturais no município, além de contar com uma bibliografia relevante no que diz respeito ao tema.

Os trabalhos que sucedem a abordagem, por sua vez, retomam espaços de memória, como casas museológicas, que contam com acervos que remetem às populações e grupos étnicos os quais sustentam determinadas narrativas que reforçam identidades e sentimentos de pertença. Como exemplo, tem-se os trabalhos na área de Ciências Sociais, de Lucinéia Weber (2014), referente ao Museu Treze de Maio, no município de Santa Maria (RS); a dissertação de Célia Foletto (2019), no programa de Patrimônio Cultural, que conta sobre o Museu do

Imigrante Italiano Eduardo Marcuzzo; a dissertação no campo do Patrimônio, como a anterior, que remete ao Museu Histórico Fernando Ferrari, por Luiza Bayer (2020).

São esses os trabalhos que compõem a análise de pesquisas feitas anteriormente aos percursos da tese em andamento. Ao mesmo tempo, observa-se o potencial dos espaços em narrar, contar e educar sobre os territórios em que estão inseridos. Como lacunas, encontram-se trajetórias que ainda podem ser desenvolvidas, incluindo, por ora, estudos em nível local que articulam o Museu Gama d'Eça com sua prática social junto ao público e à sociedade a que faz parte.

NARRATIVAS DENTRO DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO: O TRABALHO DE EXTENSÃO

Entender o trabalho de extensão como um meio de romper com hierarquias –conforme o pensamento de Paulo Freire (1983) – de conhecimentos e campos das mais diversas áreas do saber, levando o educar para educando, educando para educar, entre as mais diversas vertentes de conhecimento. Para tanto, o conhecimento não deve ser estanque, nem ao menos reproduzido, mas reelaborado de maneira legítima, com aplicabilidade no mundo. Com essas bases estabelecidas de forma emancipatória e autônoma, é possível gerar novos modos de enunciar aos sujeitos, seja pela educação, levando a comunicação entre patrimônios e memórias, que conectam culturas e identidades.

Assim se compreende o papel dos museus, como um dos movimentos que destacam

A preservação dos bens que o passado nos legou e que continuam como parte de nós, no presente, bem como todos os discursos identitários para promovê-lo, são movidos por essa força tripla: o respeito ao passado (dito “histórico”), o orgulho pela herança legada por esse passado (o que torna o passado sempre presente) e a possibilidade econômica da conservação e preservação (Meneses, 2018, p. 23).

Nesse contexto, encontramos o espaço museológico em que estamos instalados, que, ao mesmo tempo, se torna tema, objeto e campo de estudos e pesquisas do trabalho inserido no PPGH da UFSM. Como participante das atividades de extensão, o pesquisador-autor sente-me convidado a realizar a imersão no acervo, para compreender a entrada dos objetos na instituição e observar os colegas nas atividades de inventário, podendo produzir pesquisas sobre os usos e desusos dessas peças.

O Museu Gama d'Eça, como dito anteriormente, conjuga o acervo Victor Bersani, que foi tombado na década de 1930 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Tal acervo foi constituído através dos membros e componentes da Sociedade União dos Caixeiros Viajantes (SUCV), em que um dos objetivos do grupo, naquele momento, era constituir uma série de dispositivos culturais. Com a passagem do tempo, com os recursos vindo à tona, o trabalho exigiu que se debruçasse sobre esses artefatos, que levaram à obtenção de resultados não atingidos antes pelos colegas que aqui estavam realizando os trabalhos na década de 1990. De acordo com Seixas, Almada e Rosado (2023, p. 241),

Sociedade e comunicação progridem de forma congruente. A tecnologia digital foi um elemento introduzido nessa evolução e transformou todas as atividades e relações que lidam com a comunicação para ensinar, doutrinar, vender e também para preservar um bem, uma cultura ou uma história. O termo “comunicação” destinado ao âmbito dos museus ocorre tanto na divulgação de pesquisas sobre os acervos quanto no acesso às coleções por meio de catálogos, exposições tradicionais ou virtuais, eventos e atividades extramuros.

Entendemos que os estímulos aos quais o público é exposto contribuem para a incorporação de novas competências e recursos. Entre eles, o grupo utiliza a comunicação pelas mídias sociais e leituras através de dispositivos móveis nas vitrines do acervo, o que promove uma interação com os visitantes.

Segundo Jacques Le Goff (2021, p. 196), uma das formas de compreender a reversalidade do tempo – ou seja, de estar situado no presente, independente do grupo social ao qual se pertença –, é a possibilidade de olhar para o passado a partir desses resquícios. O patrimônio histórico e cultural, posto através do acervo, por sua vez, remonta uma dessas possibilidades, seja pela história dos objetos sobre os quais a equipe se debruça, seja por aqueles que buscam, através desses fragmentos, respostas por meio da abordagem historiográfica.

Figura1 – Despertador da marca alemã Kienzle (1900-1910) [Acervo do Museu Gama d'Eça]



Fonte: Inventário Museu Gama d'Eça (2023).

Figura2 – Despertador da marca Kienzle (restaurado e similar ao encontrado no acervo do Museu Gama d'Eça)



Fonte: Schwarzwaelder Bote (2022)²

² Cf. <https://www.schwarzwaelder-bote.de/inhalt.uhrenmuseum-in-furtwangen-sommerwerkstatt-widmet-sich-der-kerzenuhr.f2a922ec-231a-450a-91fb-f250c362e642.html>

Na Figura 1 pode-se observar um dos itens do acervo, que aparentemente representa um relógio, despertador, datado do ano de 1900-1910, cuja datação foi possível através do número de série, com pesquisas pelo fabricante. Após alguns percursos, a obtenção do objeto visto na Figura 2, uma peça do mesmo fabricante, foi, em grande parte, restaurado. Com isso foi possível ver que se trata de um despertador da marca “*Kienzle de Schweningen*”, também conhecido como “ovo de shawm com castiçal”, tido como um dispositivo avançado para a época.

O despertador media o tempo através de uma vela instalada no seu suporte, com agulhas inseridas, que aos poucos iam caindo e emitindo som de toque. Porém, há outras possibilidades, que condizem à ideia de que, antes da Primeira Guerra Mundial, a eletricidade não era popularizada entre os lares, então, se fosse necessário saber o horário, era preciso ligar a vela com os fósforos; também havia a ideia de usar agulhas na vela como cronômetro.

OBSERVANDO O PÚBLICO DO ESPAÇO MUSEOLÓGICO

O Museu Gama d'Eça, instalado no centro de Santa Maria (RS) está inserido em uma região de grande fluxo da cidade da região central do estado do Rio Grande do Sul. Isso faz com que receba um número considerável de visitantes, desde o público espontâneo³ até o público agendado⁴. A partir desses pressupostos, obteve-se, no período de julho de 2023 a junho de 2024, o seguinte levantamento, conforme dados da instituição:

Quadro 2 – Público Museu Gama d'Eça - elaborado pelo autor (2024)

PÚBLICO VISITANTE NO MUSEU GAMA D'EÇA (07/2023-06/2024)	
Mês/Ano	Visitantes
Julho/2023	1100
Agosto/2023	1342
Setembro/2023	1110
Outubro/2023	911
Novembro/2023	1080
Dezembro/2023	1514
Janeiro/2024	823
Fevereiro/2024	1730
Março/2024	1235
Abril/2024	1280

³ Aqui se refere aos visitantes que ingressam no espaço museológico de maneira voluntária, ou por questões do acaso, como quando estão em trânsito e acabam se deparando com a edificação, com algum anúncio de exposição, ou, até mesmo, um chamariz que se mostre de maneira convidativa.

⁴ Nesta modalidade, observa-se a questão do agendamento com horário, por instituições de ensino ou outros grupos de visitantes, fazendo com que ocorram as visitas guiadas.

Maio/2024	715
Junho/2024	1245
Média de Visitantes Mensais	1174

Fonte: Museu Educativo Gama d'Eça [UFSM] (2024).

Paul Ricouer (2023) apresenta panoramas que abordam desde a forma com que a humanidade, por meio de seus rastros, gera testemunhos, validações, indo além, até o momento em que essas memórias possam ser convertidas em arquivos, os quais podem ser acessados em algum momento, apontando, em contrapartida, aquilo que fica de fora desse processo.

O trabalho do pesquisador se direciona ao público após o levantamento do chamado Estado da Arte, o que possibilitou um olhar sobre espaços museológicos e casas de memória. Com efeito, enxerga-se a possibilidade de compreender, entender e identificar, nesses lugares, a potência educacional e de ensino, através de uma pedagogia que fornece a experiência aos visitantes. Segundo o autor Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2003),

Por outra parte, é desconcertante constatar a quase total ausência de uma reflexão menos superficial sobre valor em geral e valor cultural em particular, ou de uma axiologia, mesmo elementar, que esteja amarrada a uma teoria da necessidade. Pois valor não se pode entender se não referido a necessidades, carência. Com efeito, valor sentidos (Meneses, 2003, p. 269).

Esse movimento consiste na preparação do acervo, exposições, até a comunicação com os sujeitos que interagem com o espaço. Esses sujeitos trazem outras memórias que já carregam consigo, afinal, com cada lacuna que se deparam vem a ser preenchida, com saberes empíricos, adquiridos em espaços-não formais, mas que trazem vivências, ou até mesmo saberes escolares, acadêmicos, enfim, o que possa corroborar e enriquecer com a vivência no museu.

O papel do pesquisador da área da História, em consonância com os demais campos do saber, traduzo que esses elementos muitas vezes trazem: uma incompatibilidade entre a própria cultura e o cotidiano do universo dos sujeitos, conforme Meneses (2003).

Quadro 3 – Lugares de memória elencados pelos visitantes do Museu Gama d'Eça (2023/2024)

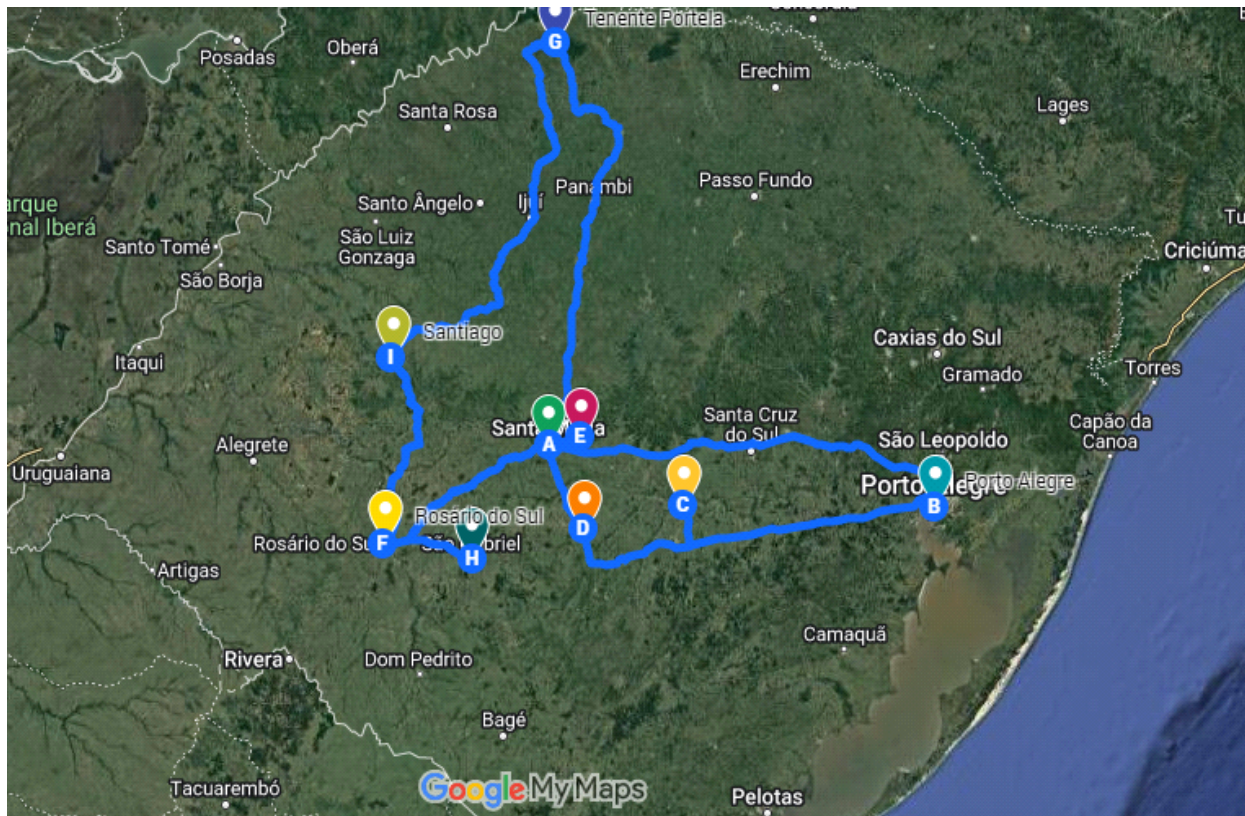
CIDADE	LUGAR DE MEMÓRIA	FREQUÊNCIA COM QUE APARECE
Santa Maria	Museu Gama d'Eça	24
	Vila Belga	32
	Teatro 13 de Maio	19
	GARE	18
	UFSM	5
	SUCV	3

	IEEOB	1
	Sotéia	1
	Shopping Independência	3
	MASM	7
	Cemitério Municipal	1
	Av. Rio Branco	5
	Memorial Medianeira	1
	Biblioteca Pública	3
	Museu 13 de maio	1
	Santuário da Medianeira	1
	Ed. Mauá	1
	Hugo Taylor	2
	Catedral Metropolitana	2
	Memorial Mallet	2
	Museu Palotti	1
	Planetário	1
	Monumento Ferroviário	1
	Sítio Paleontológico Alemoa	1
	Praça Saldanha Marinho	1
	Largo da Locomotiva	1
	Centro Desportivo Municipal	1
	Manoel Ribas	1
	Banco do Comércio (CAIXA)	1
Santiago	Museu Estação do Conhecimento	1
São Sepé	Praça das Mercês	1
	Monumento ao Índio Sepé Tiaraju	2
São Gabriel	Igreja do Galo	1
Porto Alegre	MARGS	1
	Museu Júlio de Castilhos	1
	Casa de Cultura Mário Quintana	1
	Centro Histórico	1
Rosário do Sul	Teatro Municipal João Pessoa	1
Tenente Portela	Monumento “O Índio”	1
	Igreja Matriz Paróquia Nossa Senhora Aparecida	1
Silveira Martins	Monumento do Imigrante	1
Cachoeira do Sul	Chateau d’Eau	1
Cidades: 9	Lugares: 42	Frequência: 155

Fonte: Questionários elaborados pelo autor (2023/2024).

Ainda no âmbito da pesquisa historiográfica, que contempla a parte da extensão, busca-se o entendimento do seu público. Conforme o Quadro 3, os visitantes foram indagados sobre lugares de memória que consideram patrimônio. Seja na cidade de Santa Maria (RS) ou em outras localidades, o que se observou, em grande parte, é que, quando ingressam no espaço museológico, as memórias, as paisagens e territórios patrimoniais são enunciados.

Figura 3—Mapa elaborado pelo autor



Fonte: Pesquisa desenvolvida pelo autor (2023/2024).

Identificamos alguns municípios do Rio Grande do Sul, além de Santa Maria: Santiago, São Sepé, São Gabriel, Porto Alegre, Rosário do Sul, Tenente Portela, Silveira Martins e Cachoeira do Sul. Sobre esse trabalho de conexão entre tempo, lugar e espaço, François Dosse (2011) já atentava para:

A história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo. Ela se diferencia, portanto, da história imediata porque impõe um dever de mediação (Dosse, 2011, p. 6).

É em linhas tênues, próximas e sinérgicas que patrimônio e a memória, junto aos grupos sociais, se entrelaçam, partindo da necessidade humana de deixar vestígios e traços para aqueles que virão. Busca-se compreender, dessa forma, não apenas narrativas, mas também os processos que possibilitaram a emergência do tema hoje. Talvez seja nesse percurso que o estabelecimento de coleções, que posteriormente se converteram em acervos, tenha atraído a atenção da população. Além disso, uma das motivações para a criação desses espaços foi a de

enunciar identidades e mentalidades de determinados grupos sociais. Sobre os lugares de memória, Pierre Nora (1993, p. 7) nos apresenta os seguintes dizeres:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há meios de memória.

Durante muito tempo, os espaços museológicos e as casas de memórias, desenvolveram um caráter de curiosidade, por vezes relacionado ao exótico. Porém, nos dias de hoje, embora essas conotações ainda estejam presentes, é necessário um novo olhar, a adoção de novos papéis assumidos pelos museus. Se antes os museus traziam aquilo que não se tinha acesso, exibindo acervos de coleções que eram de acesso restrito, atualmente grande parte desses conceitos se desfaz.

Diante de seu papel conectado com uma série de áreas, os sujeitos visitantes remetem suas visitas, em especial, ao passado. Portanto, torna-se necessário um movimento de atualização, no qual a pesquisa e o trabalho sobre as instituições seja algo constante. Mesmo com uma série de recursos e a velocidade das atualizações, um dos desafios é justamente desenvolver um trabalho que possibilite a emergência de novas formas de dar visibilidade às coleções, e ao mesmo tempo em que informe e comunique ao público, seja ele acadêmico, especialista ou o público em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destes breves escritos, foi possível observar as potencialidades do acervo, que vão desde a capacidade dos objetos de informar e comunicar até seu papel como suporte para as mais diversas pesquisas. Como mencionou-se anteriormente, a constituição da coleção a transforma em um espaço potente, cabendo aos pesquisadores, estudantes e profissionais das mais diversas áreas do saber a tarefa de se debruçar sobre o espaço museológico.

Também foi possível identificar algumas dificuldades, como as formas com de alcançar os visitantes, considerando que, hoje em dia, é difícil competir com espaços que se atualizam mais, em um contexto em que o “entretenimento” provoca estímulos cada vez mais e um tanto

quanto instantâneos. Ainda assim, é possível acreditar que os espaços podem despertar a atenção dos sujeitos. O que nos diz os dados obtidos (Quadro 3), que mostram que os visitantes, mesmo aqueles da faixa etária mais recente, conseguem identificar a importância dos espaços de memória.

Outro fator relevante é a necessidade de tratar o acervo por meio de uma equipe interdisciplinar, pois os diferentes campos do saber contribuir com suas habilidades. Nesse sentido, o trabalho de extensão, comprometido com a prática social, mostra a sua relevância através de uma justificativa que monta/remonta esse espaço de forma educativa, atendendo à população que por ele transita.

Neste breve ensaio, esses são alguns dos resultados prévios, sobre os quais se debruça a pesquisa em andamento, sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Esse processo colabora para a constituição do olhar sobre esses visitantes a respeito do patrimônio, os quais trazem memórias das suas vivências. Acredita-se, portanto, na capacidade que o espaço tem de comunicar, educar e informar os mais diversos grupos sociais, além de promover a salvaguarda de elementos por uma perspectiva de pertença àqueles que vivenciam o espaço.

REFERÊNCIAS

BAYER, Luiza Gutheil. **Museu histórico Fernando Ferrari: estratégia de fortalecimento da identidade local 2018-2019**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. 2012. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan/jun. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FERREIRA, Norma. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & sociedade**, 2002, v. 23, n. 79, p. 257-272. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FOLETTTO, Célia Terezinha. **O museu do imigrante italiano “Eduardo Marcuzzo”**: história e identidade, Vale Vêneto/RS. 2019. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou Extensão?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MENESES, José Newton Coelho. O patrimônio e a compreensão do passado: experiência intelectual e diálogo público. *In*: Juniele Rabêlo de Almeida; Sônia Meneses (Org.). **História Pública em Debate**: patrimônio, educação e mediações do passado.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O museu de cidade e a consciência da cidade**. Seminário Internacional "Museu & Cidade" 17 de outubro de 2003. 256-281.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História: **Projeto História**, v. 10. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 15 nov. 2024.

OLIVEIRA, Cristina Nascimento de. **O inventário do patrimônio histórico da cidade no jornal Diário de Santa Maria**. 2006. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SEIXAS, Maria Luiza M. L. S.; ALMADA, Márcia M. A.; ROSADO, Alessandra A. R. A relevância da comunicação interativa para a divulgação e a valorização dos bens patrimoniais. Museologia e Patrimônio – **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – UNIRIO/MAST**. v. 16, n. 2, 2023. 240-255. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/77813>. Acesso em: 15 nov. 2024.

WEBER, Lucinéia Inês. **Museu Treze de Maio: espaço de memória e identidade negra em Santa Maria/RS**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.